

As revistas de cinema e o novo cinema português¹

por Joana Isabel Duarte

Em 1963, um cartaz de OS VERDES ANOS (Paulo Rocha, 1963) anuncia que «chegou a nova vaga» (Imagem 1). Este filme é consensualmente entendido como um dos primeiros filmes do “novo cinema português”, apenas timidamente disputado por DOM ROBERTO (Ernesto de Sousa, 1962), que embora introduza um método de produção verdadeiramente novo no nosso meio (através de uma Cooperativa de Espectadores), fica muito aquém da linguagem e narrativa dos filmes pioneiros de Paulo Rocha e Fernando Lopes.



Imagem 1 – Um cartaz de OS VERDES ANOS a anunciar a chegada da nova vaga com um «filme português inesperado».

¹ Este texto foi escrito tendo por base a nossa investigação «Se não se podem ver filmes, leiam-se as revistas»: Uma abordagem da imprensa cinematográfica em Portugal (1930-1960)», apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2018, devidamente atualizado e adaptado.

O percurso para chegar a este cinema “novo”, começa, contudo, alguns anos antes. Este pode ser traçado desde a década de 50, esses anos de «lenta e profunda mudança»², onde os cinéfilos vertiam para as revistas os seus ensejos de mudança no cinema português. À semelhança do que ocorrera com a geração dos *Cahiers du cinéma*, a escrita de cinema prefigurou e antecedeu a produção filmica efetiva. Assim, muitos dos agentes das revistas dos anos 50 tornar-se-iam realizadores, como Ernesto de Sousa, Baptista Rosa, Alberto Seixas Santos e António-Pedro Vasconcelos – todos eles colaboraram na *Imagem* (Lisboa, 1950-1961). De facto, Escrever, só escrever acabaria por não satisfazer esta geração, que se encontrava desejosa por fazer filmes.

Entre esse núcleo de revistas que surge nos anos 50 e que pretende reavaliar o cinema português de então, contaram-se *Imagem*, *Visor* (Rio Maior, 1953-1956), *Celulóide* (Rio Maior, 1957-1986) e *Filme* (Lisboa, 1959-1964). Todas elas se prolongaram até aos anos 60, à exceção de *Visor*, que foi continuada por *Celulóide*. Muito influenciadas pelas revistas italianas e francesas (à cabeça os *Cahiers du cinéma* [Paris, 1951-]), estas publicações visavam colmatar a escassez de periódicos especializados que se dedicassem à crítica filmica, à história do cinema e ao movimento dos cineclubes. Desvinculam-se, nesse sentido, dos paradigmas presentes na generalidade das revistas desde os anos 40, e mesmo algumas dos anos 50 e 60. É o caso de publicações como *Plateia* (Lisboa, 1951-1957; 1958-1986), *Estúdio* (Lisboa, 1953-1955), *Pop Cine* (Lisboa, 1966-1967) e *Écran* (Lisboa, 1969-1970), revistas escapistas e sobretudo dedicada aos azes e estrelas da tela escura (*Imagem* 2).

² MELO, Jorge Silva – *Século passado*. Lisboa: Edições Cotovia, 2007, p. 23.



Imagem 2 – Revistas como a Plateia têm um enfoque marcadamente mais popular, com uma presença “assídua” das estrelas de cinema. Apesar de ter sido criticada pela revista Imagem, do Baptista-Rosa, alguns anos mais tarde este mesmo autor viria a ser colaborador desta revista.

As novas revistas que trazem à luz outras formas de aportar o panorama cinematográfico português, como a *Visor*, dirigem-se àqueles que procuram uma publicação ao nível da «“Bianco e Nero” e das “Cahiers du Cinema”», ou seja, «uma revista cultural»³, rejeitando veemente o culto da “estrela”. *Imagem*, *Visor*, *Celuloide* e *Filme* procuram criar uma imprensa cinematográfica ativa e séria, sem medo de apontar o dedo ao cinema nacional e os seus intervenientes, pelo que os realizadores e críticos «fazem ou não fazem, por ou contra, um cinema português novo»⁴, como se lê a determinada altura nas páginas de *Imagem*.

³ S.n. – “Uma revista cultural”. *Visor*. N.º 3 (25 junho de 1953), p. 1

⁴ SOUSA, Ernesto de – “Fita de fundo”. *Imagem*, 36 (1961), p. 843.

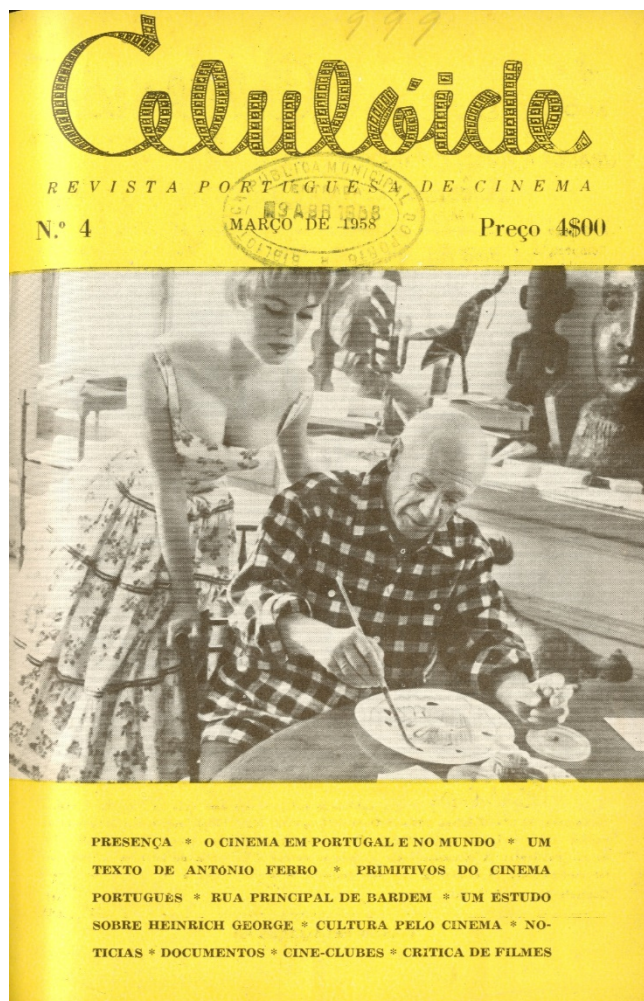


Imagem 3 – *Celulóide* segue uma organização formal à maneira dos *Cahiers du cinéma*, com uma fotografia (normalmente de cena) enquadrada por duas bandas amarelas. Nestas capas, publicam-se fotogramas de filmes desde *A TASTE OF HONEY* (Tony Richardson, 1961) aos *OS VERDES ANOS* (Paulo Rocha, 1963).

Embora na *Visor*, *Celulóide* e *Filme* se tenha exigido um cinema novo, valorizado a crítica filmica e acompanhado de perto o que se fazia no estrangeiro, nenhuma destas revistas terá tido a importância de *Imagem*, de que nos ocuparemos adiante.

IMAGEM

Não obstante a *Imagem*, sob a direção de Baptista Rosa, se designe na sua I série por «revista popular de cinema» e ceda lugar às fotografias das estrelas, revela, já nesta altura, em termos de texto, uma preocupação e interesse num “outro” cinema. Encontra, por isso, a sua razão de existir no facto de, na perspectiva dos redatores, não existir em

Portugal um agente intermediário entre o público e a cinematografia⁵. A sua «índole diferente»⁶ relativamente a outras publicações cinematográficas é relevada, particularmente em relação a *Plateia* (que, curiosamente, anos mais tarde seria dirigida por Baptista Rosa). A *Imagem* afasta-se assim do «campo meramente recreativo para se firmar no campo da divulgação cinematográfica», para manifestar interesse por movimentos cinematográficos europeus, em particular o Neorrealismo italiano, como fica evidente ao longo das páginas desta publicação. A crítica de filmes passível de ser encontrada nos vários números de *Imagem* segue também, não raras vezes, uma tendência humanista, namorando o materialismo dialético de Lukács e de Aristarco (vejam-se, por exemplo, as críticas de filmes escritas por Ernesto de Sousa). Apesar, como aqui já se disse, de ser uma revista tendencialmente crítica do cinema português então vigente, a revista parece apoiar a produção de alguns realizadores, em especial Manuel de Guimarães e Perdigão Queiroga. O próprio Queiroga irá muito modestamente homenagear esta publicação numa pequena sequência do filme *SONHAR É FÁCIL* (1951), ao colocar um exemplar de *Imagem* em cena. Este tipo de *hommage* encontra par com a colocação da revista *Animatógrafo* na *mise-en-scène* do filme *O PAI TIRANO* (1941) de António Lopes Ribeiro (o fundador daquela revista).



Imagem 4 – Um plano de *SONHAR É FÁCIL* (Perdigão Queiroga, 1951), onde se vê um exemplar da primeira série da revista *Imagem*.

⁵ S.n. – “Edital”. *Imagem*. N.º1 (28 de outubro de 1950), [1].

⁶ S.n. – “A César o que é de César”. *Imagem*. N.º 11 (setembro de 1951), [s.p.].



Imagem 5 – Exemplos da revista *Imagem*, na sua primeira série (“revista popular de cinema”) e segunda série (“revista de divulgação cinematográfica”).

Na segunda série da revista, que se prolonga até 1961, cede-se, cada vez mais, lugar à mancha de texto. Traduzem-se artigos de caráter teórico de cinema, como os de André Bazin; mas também vários artigos de lavra própria, de autores como José-Augusto França e Ernesto de Sousa, que escrevem inéditos para a revista, seja no terreno da teoria cinematográfica, seja no âmbito da crítica de filmes. A eles juntaram-se, no início de 1960, Adelino Cardoso, Alberto Bravo, Edgar Gonçalves Preto, Eurico da Costa, José Borrêgo, Manuel Villaverde Cabral e os (futuros) realizadores António-Pedro Vasconcelos e Seixas Santos, que estabelecem um «Quadro da Crítica» onde avaliam os melhores filmes, à maneira do *Conseil des dix* habitual nos *Cahiers du cinéma*. Uma análise a alguns desses “quadros” demonstra que as obras melhores cotadas são quase sempre as de realizadores com características ditas *autorais*, e muito do agrado dos críticos dos *Cahiers*, como Howard Hawks e Ingmar Bergman.

A segunda série da *Imagem* é marcada por «críticas com argumentos sólidos e desenvolvidos e plenamente assumidos pelos seus autores, dignas das melhores revistas europeias»⁷ e parte do seu interesse reside nestas características. *Imagem* ajuda, assim, a

⁷ HENRY, Christel - *«A cidade das flores»: Para uma recepção cultural em Portugal do cinema neo-realista italiano como metáfora possível de uma ausência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, p. 306.

dar lugar «ao nascimento do “Cinema novo” português»⁸. Dessa mesma opinião seria também Manuel de Guimarães, que a considera como a «melhor revista cinematográfica de hoje»⁹, pódio que, de resto, não era muito disputado, tendo em conta o deserto cinematográfico que se fazia sentir em termos de publicações periódicas especializadas.

Nestes anos 60, e apesar da periodicidade ser bastante mais irregular (era «uma revista vagabunda»¹⁰, nas palavras de Ernesto de Sousa), a *Imagem* voltaria a demonstrar interesse pela “vanguarda” cinematográfica, tendo inclusivamente organizado uma sessão de antestreia do LES QUATRE CENTS COUPS/OS 400 GOLPES (François Truffaut, 1959) 310, um dos filmes-chave da *Nouvelle Vague*.

Um dos frutos mais importantes e interessantes desta revista será, contudo, o seu papel na produção do filme DOM ROBERTO (Ernesto de Sousa, 1962). Com efeito, a realização deste filme está intimamente ligada à *Imagem* e ao seu cineclubes homónimo, já que foi através destes que se criou uma «Cooperativa de Espectadores». Esta Cooperativa foi publicitada em 1959, altura em que se lançam apelos públicos na revista *Imagem* para que os espectadores e leitores da revista fornecessem apoio moral e /ou económico destinados à equipa de DOM ROBERTO¹¹. A equipa técnica era composta por vários elementos que escreviam na revista *Imagem*, fazendo também parte do cineclubes. Era, assim, um filme a ser realizado por aqueles que vinham batalhando por um cinema português de qualidade¹². O projeto deveria conhecer continuidade caso DOM ROBERTO se revelasse um sucesso, cenário esse que nunca se concretizou.

Entre o primeiro anúncio público e a estreia de DOM ROBERTO, passaram-se três anos em que o filme foi bastante publicitado¹³ e aguardado, já que era tido como a «primeira tentativa de criar um cinema culturalmente válido»¹⁴ - tornou-se, enfim, um «filme esperança», que poderia ajudar a definir um cinema português novo, um cinema português *por vir*.

Contudo, não é de todo consensual definir DOM ROBERTO como esse início de um “novo” cinema português, e uma grande parte dos espectadores portugueses sentiram alguma frustração face à película – viram muito pouco de «novo» nesta obra.

⁸ *Ibidem*.

⁹ S.n. – “O que se pensa da *Imagem*”. *Imagem*, N.º 12 (outubro de 1951), [s.p.]

¹⁰ SOUSA, Ernesto – “Entrevista com Ernesto de Sousa”. *Celuloide*, N.º 76 (abril 1964), p. 12.

¹¹ S.n. – “A produção em cooperativa”. *Imagem*, 28 (1959): 567.

¹² *Ibidem*.

¹³ DUARTE, Fernando – “José Ernesto de Sousa e o «Dom Roberto»”. *Celuloide*, 55 (1962), p. 4.

¹⁴ S.n. – “A produção em cooperativa”. *Imagem*, 28 (1959): 567.

Não obstante, podemos considerar que o *background* do realizador – uma figura incontornável da cultura cinematográfica nacional –, a cinefilia que transborda neste filme (desde Chaplin a Bresson) e a forma de produção “independente” das esferas oficiais, fazem deste filme um marco a considerar numa abordagem ao cinema novo português.

Imagem, Visor, Celulóide e Filme, apesar de ocuparem lugares modestos nas historiografias do cinema em Portugal, tiveram, na nossa perspetiva, um papel fundador na exigência e exposição da necessidade de um cinema português que fosse “novo”, ao mesmo tempo que denunciava os males que afetavam a cinematografia nacional de então. Nesse sentido, e embora muitas destas revistas se concretizem especialmente nos anos 50, foram essenciais para *pré-figurar* o que seriam os anos 60 no cinema português. Dir-se-ia que, em matéria do cinema, talvez os anos 60 comecem... nos anos 50.

Bibliografia citada

DUARTE, Fernando – “José Ernesto de Sousa e o «Dom Roberto»”. *Celuloide*, 55 (1962).

DUARTE, Joana Isabel Fernandes - «Se não se podem ver filmes, leiam-se as revistas». Uma abordagem da imprensa cinematográfica em Portugal (1930-1960). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2018. Relatório de Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual (policopiado).

HENRY, Christel - «*A cidade das flores*»: *Para uma recepção cultural em Portugal do cinema neo-realista italiano como metáfora possível de uma ausência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

MELO, Jorge Silva – *Século passado*. Lisboa: Edições Cotovia, 2007.

S.n. – “A César o que é de César”. *Imagem*. N.º 11 (setembro de 1951).

S.n. – “A produção em cooperativa”. *Imagem*, 28 (1959).

S.n. – “Edital”. *Imagem*. N.º1 (28 de outubro de 1950).

S.n. – “O que se pensa da Imagem”. *Imagem*. N.º 12 (outubro de 1951), [s.p.]

S.n. – “Uma revista cultural”. *Visor*. N.º 3 (25 junho de 1953).

SOUSA, Ernesto – “Entrevista com Ernesto de Sousa”. *Celuloide*, N.º 76 (abril 1964).

SOUSA, Ernesto de – “Fita de fundo”. *Imagem*, 36 (1961).